

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR LITORAL

AS PROVAS

RENNATA DE SOUZA ORRICO DE AZEVEDO

PARANAGUÁ  
2015

RENNATA DE SOUZA ORRICO DE AZEVEDO

AS PROVAS

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Gestão e Processos em Educação, Diversidade e Inclusão, como requisito parcial para obtenção do grau de especialização.  
Mediadora Prof.<sup>a</sup> Vandecy Dutra

PARANAGUÁ  
2015

## SUMÁRIO

<b>Resumo</b> .....	01
<b>Palavras-chave</b> .....	01
<b>Introdução</b> .....	02
<b>Muito prazer em conhecê-los!</b> .....	03
<b>As noites</b> .....	05
<b>A surdez</b> .....	07
• O vidro quebrado .....	08
<b>Acelerar o passo, pra quê? Por favor, acalme-se tempo, não tenho pressa de morrer..</b>	10
<b>Pois é!</b> .....	12
<b>Conclusão</b> .....	13
<b>Referências</b> .....	15

## **Resumo**

Este artigo traz um recorte das vivências tidas em cinco realidades diferentes por uma professora recém-formada e ingressa na rede estadual de ensino, pelo Processo Seletivo Simplificado, o chamado PSS. A narrativa segue em primeira pessoa. Inclui suas confissões nos conflitos com as turmas, com o sistema educacional e as investidas que fez para realizar sua maestria.

**Palavras chave:** GPEDI, Experiências, Professor Substituto, PSS.

## Introdução

Era recém-formada quando ingressei no curso de Especialização. Imaginei que ali, poderia ampliar meus saberes. E não somente isso, como também um suporte para as minhas experiências que estavam prestes a existir.

Entrei nas salas de aula do Estado por meio do Processo Seletivo Simplificado, o PSS, como professora substituta. Tudo no início era um desafio, desde o preenchimento do livro de chamada (meu primeiro contato) a entrega dos boletins. Mas não imaginava que as pressões políticas fossem tão fortes na vida docente. Quer dizer, imaginava sim, mas senti-las é “outros quinhentos!”.

Aqui faço um recorte do que vivi, ao mesmo tempo, nas cinco diferentes realidades de ensino: E.J.A. no capítulo **Muito prazer em conhecê-los!** - onde trato como iniciei a docência. Em seguida vem os capítulos: **As noites, A surdez, Acelerar o passo, pra quê? Por favor, acalme-se tempo, não tenho pressa de morrer.** Nestes diversifico os aprendizados entre os Colégios que leciono, as turmas são os sextos anos do ensino fundamental, disciplina de Ciências. Entre as turmas, uma do Programa Acelerar. E o **Pois é!**, que trato um pouco das minhas expectativas. Em penúltimo, **Á gume da conclusão**, onde procuro uma discussão sobre o que vivenciei e a importância que tem tudo isso para mim, que faço parte desse sistema educacional. Além da importância de ter-se uma pós-graduação que nos esclareça e nos dê suporte para a vivência escolar.

E por fim, as **Referências** que considero relevantes para estas discussões e as que me inspiraram em diversos momentos. Uma lista de filmes, alguns documentários, artigos e livros. Todos com pesos no campo da Educação humanizada.

## Muito prazer em conhecê-los!

Colégio Estadual Professor Vidal Vanhoni, E.F.M.  
APED – Escola Estadual Professor Randolpho Arzua  
Turma: EJA – Ensino Fundamental II, Ciências

O dia 23 de Março de 2015, era uma quarta-feira parnanguara. Minhas emoções saltavam de uma maneira a perturbar o vazio de outrora. Lembrei-me de Maturana (2002), quando dizia que o ser humano não é um ser racional, e sim sentimental (ano).

A expectativa de que chegasse minha vez era grande. Sentada, numa das cadeiras do salão antigo do Núcleo Regional de Educação de Paranaguá, observei detalhes daquele lugar, enquanto o tempo infinitamente, se apresentava a mim.

Chegou a minha vez. Estava com os documentos todos organizados. Acho que surpreendi de um jeito bom a quem me atendia. Não compreendia como tudo aquilo funcionava. Também, não questionei nada.

*“Boa tarde Professora! Nós temos aqui essas aulas. Chamando minha atenção para a projeção no telão. São três aulas no Vidal Vanhoni de manhã e, oito, à noite, seis no Regina à tarde, nove no Roque Vernalha. Qual período a Professora quer?”*

Respondi sem hesitar: *Todos.*

*Todos?*

*Sim. Todos estão bom para mim!”*

Ela ficou satisfeita com a minha resposta, sem nenhuma cogitação e pergunta alguma.

A recomendação era que me apresentasse ainda àquela tarde àqueles colégios. E nos papéis dizia no prazo máximo de vinte e quatro horas. Será que conseguiria? Não conhecia bem a cidade. Me bati bastante para encontrar.

Conheci o Colégio Estadual Professora Regina Mary Barroso de Mello, E.F.M., fui bem recebida, ganhei um livro didático do aluno<sup>1</sup> e meu contato com as turmas se daria no dia seguinte.

Continuando a rota do “GPL labial”, é assim que brincamos hoje em dia com a antiga prática de pedir informações às pessoas na rua. Escola é uma coisa que todo mundo conhece. E foi assim que consegui chegar no Vidal Vanhoni, para a minha surpresa as aulas noturnas eram em outra escola. Fui compreender muito mais tarde os detalhes desse sistema, estava dentro do Programa de Educação para Jovens e Adultos – as chamadas APED's. Pensei que daria tempo, já que o Colégio Estadual Roque Vernalha, era pelas redondezas. Chegando lá, não pude pegar as nove aulas, porque o professor desistiu e retornou a escola. Deixei esse detalhe para informar ao Núcleo no dia seguinte. Imaginava que teria tempo para isso. Não fazia ideia de que as aulas já se dariam naquela mesma noite que já havia iniciado. Foi o que ocorreu quando cheguei na Escola Municipal Randolpho Arzua, uma das APED's do Vidal Vanhoni.

Eram dezenove horas da noite, fazia calor. Entrei procurando a secretaria, estava tudo fechado, apenas algumas pessoas sentadas no refeitório. Uma senhora vem até mim e me apresento como a Professora de Ciências. Umas moças se alegraram.

*“- Até que enfim! São dias vindo pra escola e quando chega aqui, não tem professor. Era um desânimo só!*

- *Vamos ter aula hoje, então?* Disse outra entusiasmada.
- *Bem, vim para me apresentar. A escola que marca o dia que inicio as aulas.*
- *Mas você já está aqui.*

E a descrença se fez, todos a falar ao mesmo tempo.

*“Por mim, não tem problema começar hoje. Preciso apenas falar com alguém da secretaria para me apresentar.”*

Até que uma aluna disse:

*“- Vou ligar pro Vidal e você fala com eles.”*

Alguém me atende e diz para que começasse já. *“Barbaridade!”* Pensei. *E agora? E agora, calma, sorriso e entusiasmo. Essas pessoas estão com todo o gás pelo que se vê.*

O meu diálogo interno foi longo. Lembrei-me do livro didático que ganhei no Regina de Mello, levei a tira colo. Imaginei que iria me ajudar em alguma coisa.

Chegando em sala, virei para o quadro ... Esse momento pareceu-me estático, como se tudo tivesse parado. Ali fechei os olhos e as imagens que assisti foram as conversas agradáveis de construção coletiva que tinha no curso. Enxerguei todos os meus professores ...era como se eles estivessem comigo, ali, naquele momento. Então, me senti segura e parti para a ação.

Iniciei pela construção do mapa conceitual alternando o conceito de ciências e a importância dela na vida de cada um. Depois fomos para a análise do livro didático. Eles folheavam, não tinham tido contato com nenhum daqueles conteúdos.

Já eram dez horas da noite e a classe continuava. Finalizamos com plano de estudos e com um mapa conceitual muito bonito. O estudo seria cosido nos temas sobre Alimentação, Doenças e Remédios.

Nos despedimos com *“Muito prazer em conhecê-los!”*.

## As noites

Colégio Estadual Estados Unidos da América, E.F.M.  
Projeto Mais Educação - Turma Meio Ambiente

Meus pensamentos não eram só a escola. Eram encontros entre as vivências de estágio que resultaram numa monografia com o tema “Um romance com a escola”. Foi nesse clima que ingressei na escola, agora como professora substituta. Ainda bem que o Estado dá essa oportunidade, porque alguns podem desistir da ideia de seguir a carreira docente. Não foi o meu caso.

Como “Alice no País das Maravilhas”, me senti. Com cinco turmas diferentes, num ritmo frenético das 20 horas semanais. Frenético por que eram cinco realidades diferentes e não estou incluindo aqui a minha própria realidade, de mãe recém-chegada em uma cidade nova, distante de qualquer suporte familiar, com uma filhinha de cinco anos.

Às três horas matutinas eram no Vidal Vanhoni, com uma turma do sexto ano. No Regina de Mello, seis horas vespertinas, divididas em dois sextos anos, A e C; sendo o primeiro a turma de aceleração. Esta turma passa discussões se realmente vai continuar, pois é composta por alunos com dificuldades múltiplas de aprendizado. Além de serem desordeiros, não têm comprometimento com os estudos. As expressões no comportamento, vocábulos chulos a outrem e contra a estrutura física da escola, são rotineiros. E as discussões sobre a turma é constante nos intervalos na sala dos professores. É uma situação preocupante para todos na escola, visto que os desordeiros ultrapassam a sala de aula e os muros da escola.

Lembra das nove aulas que perdi no Colégio Roque Vernalha? Então, o NRE me deu três no Projeto Mais Educação, no Colégio Estadual Estados Unidos da América, na disciplina de Meio Ambiente – o “carro-chefe” da escola.

Fui muito bem recebida na escola por todos, menos pelos alunos – que estranhamente, me recebem com desdém e arrastam carteiras. Aqui comecei a conversa com as “boas maneiras”, o “que é elegante e o que não é”. Do tipo: arrastar carteiras, respeitar a fala do outro. Uma pena, mas até agora não encontrei o eixo da turma e o que evoluiu até aqui, é a inimizade entre aluno e professor. Isso me entristece bastante. Estas coisas não existiam no estágio. Complicado lidar com a rejeição.

Esse fato me passou despercebida, não imagina a tamanha rejeição que os professores sofrem dos alunos no início do ano letivo. Pensei várias vezes: *Isso é preconceito!* Tentei acalmar meus pensamentos fuziladores. Contudo, me inquietava essa nova situação que é o professor se incluir na turma. Até então, nos ambientes que frequentei se debatia a inclusão do aluno na sala e não a do professor!

Bem, um tanto aterrorizada com a situação, passei a sentir o peso dos discursos frustrados na sala dos professores. Até que me surgiu uma obviedade: *E por quê não tentar os mesmos recursos que eles?* Afinal, estão há mais tempo aqui do que eu. A Direção diz que precisa fazer alguma coisa por eles. Mas não vi estímulos, eles reclamam de tudo o tempo todo. A única motivação é o celular e a conversa sobre paquera.

A escola comprou o material para a horta, a equipe pedagógica é assídua. Estão todos muito envolvidos. Mas os alunos, não. Imagina-se que seja reflexo do hábito dos anos anteriores, em que o



Mais Educação não era levado a sério. Não existia um planejamento, uma estratégia e nem mesmo, uma cobrança sobre os alunos. Todos ficavam às soltas, largados na escola e assim querem permanecer.

Em uma classe, peguei algumas luvas e sacolas e chamei a turma para coletarmos os papezinhos de balas, chicletes e pacotes de salgadinhos. Era só o que tinha, além das bolinhas de papéis de caderno. A reclamação era contínua e foi uma luta gigantesca para que participassem da atividade. Não bastou as minhas falas, repreensões e meu próprio exemplo. O discurso maior que enfrentei, foi que eles não tinham obrigação de fazer aquilo. Que as faxineiras da escola são pagas para isso. Um tanto pesada essas expressões, não acha?

Continuo enfrentando conflitos nesta turma. Minha alegria tem se diminuído e a minha nova estratégia agora é silenciar. Acredito que muito se aprende com o silêncio. Estou montando um cronograma em que minhas práticas não precisem de diálogo oral. Levarei o material necessário para os experimentos com o solo para a escola e me porei a realizá-los. Quero estudar mais o comportamento desses sujeitos. É um apelo que faço a mim mesmo para não perder a possibilidade de criar afeto com eles. Afinal, concordo com Freire quando diz que precisa de mais amor e alegria nas escolas. Espero não me desestimular com a turma. Estou torcendo para isso. Não sei ainda o que farei, caso esse plano de silenciar não funcionar.

Tinha O Mais Educação, como uma oportunidade de termos aquelas aulas que não conseguimos praticá-las no dia a dia do ensino regular. Compreendi que para estas aulas práticas, precisamos de alunos emancipados. E quem disse que é fácil mudar? Que não se sente dor? Quem disse que todos querem emancipar-se? Alguns se revoltam ao perceber-se, então, preferem fechar os olhos para si mesmo.

## A surdez

Colégio Estadual Professor Vidal Vanhoni, E.F.M.  
Turma 6ºA

Não foi apenas no Mais Educação que encontrei conflitos. Mas aqui, os resultados têm sido outros, muito positivos.

Discursarei a partir das conversas na sala dos professores. Ali aprendi como ameaçar e a punir especificamente aquela turma. A como castigar pelos pontos: quem fez a atividade ganha um '+' e para quem não fez um '-'. E mantê-los ocupados com exercícios no quadro e textos para copiar. Bem da verdade, a minha tabelinha do “+/-” continua em branco. Quanto ao quadro usei pouco – apenas para explicações e textos curtos de apoio. E até aqui, não iniciei nenhuma destas didáticas. Para não dizer que tentei pensar sobre como faria. Até que, um pensamento me surgiu: *Se deveras fosse relevante, por que não aprendi sobre isso na minha formação acadêmica?* Fiz uma releitura de mim mesma e daquele ambiente escolar: *como fazer parte daquele todo sem causar rachaduras?* Complicado.

Então, comecei pelo começo, segundo estava aprendendo no curso de especialização no Módulo “Inovações Metodológicas”. Antes de tudo, o que percebi no curso, foi que muitas inovações não são novidades assim. O que as distingue é como o sujeito faz uso delas no seu trabalho. Meu novo primeiro passo era re-*conhecer* do aspecto físico da escola, descobri que tem uma horta começada por uma das educadoras, a Dona Judite. Diz a lenda que ela passou momentos difíceis por causa dessa horta e parece que meu convite a fez se sentir bastante importante. A apresentei a turma como uma *Cientista* muito importante. E todos a receberam assim.

O segundo passo desse re-*conhecimento*, era re-*conhecer* a turma. E o diagnóstico foi que os alunos não estavam gostando do tema Astronomia. O terceiro, que eles têm dificuldades com a escrita: o professor precisa dizer se é “para pular linha e parágrafo”, também não sabiam fazer o cabeçalho. Isso atrasava bastante o trabalho, quando necessitava passar um texto no quadro.

O quarto é que a única atividade fora de sala que tinham, eram nas aulas de educação física. Como podem pré-adolescentes aprender algo parados, enquanto tudo no universo está em movimento? Conheciam a Biblioteca apenas alguns, quando era preciso ir buscar os Livros Didáticos. Uma pena, os alunos não podem levar para casa o livro didático.

## O Vidro quebrado

Foi numa manhã, cálida. Onde o tempo não te dava nenhum espaço para nenhum sentimento contrário à frustração de não se fazer comunicar.

Hoje sei que, mais vale a raiva conduzida do que o sentimento de inutilidade apregoadado à depressão. Mais vale a pensa se revoltar com a situação de “chutar o pau da barraca”, num estrilo franco, que calar-se ou pedir a outros que intercedam por ti. Você precisa fazer. Você precisa ser o sujeito, precisa sim, tomar as rédeas da situação, nem que seja com aparente desamor. Aliás, quem foi que disse que o amor é passivo?

Raivosa com tudo aquilo que estava acontecendo, disse: “*Vocês acreditam mesmo que eu me levanto a cada manhã somente para castigar vocês?*”? *Que digo a mim mesma: hoje tenho um plano, hoje eu pego o Fulano e o Sicrano! Hoje, eles não me escapam! Que durmo pensando em como “ferrar” com a vida de cada um aqui? Que entrei numa universidade com esta intenção? Eu não estou aqui para isso. Estou aqui por que me importo com vocês e meu desejo é que vocês sejam pessoas de sucesso a partir de agora!*

Senti como se estivesse quebrando com as mãos o vidro de uma vitrine, e por ele, passou os sons da minha fala. Que vinham do ventre. Meu corpo vibrava. Pela primeira vez, ouviram a dor de sua inconformidade. A partir desse estrilo passei a existir.

Um pouco mais calma, porque a turma já fazia silêncio, pedi para que abrissem os cadernos e copiassem o cabeçalho do quadro, se dividissem em grupos para um trabalho que era criar um quebra-cabeça do sistema solar. Foi só o que rendeu a aula.

Na semana seguinte, estranhei o silêncio quando entrei na sala. Alguma coisa tinha acontecido, mas não sabia o que era ainda. Nessa aula falei sobre a horta da escola, ninguém sabia da existência de uma horta ali. Falei que naquela aula tínhamos uma visita, era uma cientista. Pedi para que fossem gentis e educados com ela. Após a apresentação da Dona Judite, todos fomos conhecer a horta da escola, com papel e caneta para anotações do que tinham visto. Ali, colocaria em prática a iniciação de metodologia científica. Surpreendi-me com o entusiasmo de um aluno, que era geralmente o pivô de atritos. Logo iniciou a longa greve. Senti falta de todos eles. Sentimento estranho para uma turma que não me aceitava. Consolei-me um pouco em saber que não era a única a ser rejeitada. Mas, não foi para isso que segui a carreira de docente, a rejeição não está nos meus sonhos.

Estou *re-penso* as didáticas. Será mesmo que é uma questão de didática ou postura docente? Mudamos os nomes para as mesmas ações? Metodologias Inovadoras ou Posturas Inovadoras? Em tudo isso implica atitude. Outro dia assisti ao filme “Comer, rezar e amar” (2010), e no mais ou menos no qüito quadro do filme, ouvi o diálogo:

- *Quando você resolveu ser mãe?*

- *Amiga, veja a caixa embaixo do da cama. (Ver se roupas de bebês). Guardei, até o momento em que Jhon resolveu ser pai. Ser mãe é como fazer uma tatuagem na cara! Precisa se comprometer inteiramente.*

Foi nessa frase: “*Ser mãe é como fazer uma tatuagem na cara. Precisa se comprometer inteiramente*”, que me encontrei novamente. Na docência precisa-se comprometer literalmente, como uma tatuagem na cara. Depois disso, passei um tempo namorando em um papel a palavra “Docente”. Recriei nossa ligação com um novo significado DOCE – ENTE. Doce, de doçura de um

ente. Quem é ente, é um ente querido. Tatuei essa palavra, ressignificada, doce ente. Essa é a minha palavra, que estava perdida. Diz Machado de Assis que todos nós temos uma palavra perdida e precisamos encontrá-la. Encontrei a minha. Acredito que não faz mal ressignificá-la. Aprendi isso com um personagem de Fábio Yabu, o Apolinário (2013). Quem sabe, eu possa acrescentar significados para ela, já que a estrada que me apresenta é carregada de espinhos e flores, estradas de chão batido, aromas de casa, cheiros de mato, de infâncias, céus azuis e brisas bramadoras. Como não querer-me assentar sobre ela? Onde é prazeroso o sentar, parar, adormecer, correr, caminhar e dispersar-se nela!

## **Acelerar o passo, pra quê? Por favor, acalme-se tempo, não tenho pressa de morrer.**

Colégio Estadual Professor Vidal Vanhoni, E.F.M.  
Colégio Estadual Regina Mary Barroso de Mello, E.F.M.

Parece que aquele início ficou tão distante. Se não fossem os atritos e os registros, arriscar-me-ia dizer, que foi esquecido. Mas como todo esquecido é passivo de ser lembrado, bem me lembro dos infortúnios que passei. Nessa turma o contato foi sofrido, em uma aula precisei chamar a Direção quatro vezes, para poder ser ouvida. Isso era tudo o que eu rejeitava na época de estágio e contra tudo que acredito na educação. Mas fiz. A contra gosto, entristecida e já decepcionada comigo mesma. Não surtiu efeito, como já previa e corri para o quinto pedido a Diretora que fizesse alguma coisa. Ela se negou a ir e eu voltei à sala de aula desacreditada. Isso foi no 6ºA do Vidal Vanhoni.

Enquanto isso me lembrava dos depoimentos e das falas das professoras no curso. Vejo tanto coisa na escola de ruim. Vejo racismo, vejo exclusão, vejo alunos explorarem outros alunos. E nós ali, na mesma situação, repetindo as mesmas coisas de anos atrás.

Na turma de aceleração, que precisaria ser considerada como desaceleração, já que são sujeitos com diferentes e sérias dificuldades de aprendizagem. Outros, com desvios sérios, que causa tensão em todos na escola devido o nível de astúcia e agressividade. Todos estão com medo e sem saber o que fazer. O núcleo não nos protege. Ninguém nos protege destes alunos. Até que ponto a inclusão funciona? Às vezes sinto que usam destes termos para nos impor situações que o próprio estado não dá conta. Como é no Regina de Mello.

Comparo como a mulher, que está para além de genitora, é cuidadora dos filhos, do lar, das roupas, da faxina, do choro, e até daquilo que ela não alcança. A escola está sendo como uma mulher estuprada, forçada a dá um prazer que não possui. Violentada em todos os seus aspectos, e isso tanto pela sociedade como por seus filhos dessa sociedade e pelos que governam essa sociedade.

O ensino fundamental está virando em muitas escolas como um depósito de infantes perturbados pela mídia e que não sabem brincar. Procura-se a pureza neles, e não a encontra. Não se consegue trabalhar. Quando existe algo de novo, eles se alegram, mas logo perdem o interesse. Infelizmente o professor não é um videogame. Como ensinar num ambiente em que você precisa se preocupar em se proteger?

O retorno da greve foi positivo, apesar de alguns não comparecerem. Pela manhã, no 6ºA do Vidal, corri os olhos pela sala e uma tristeza me fazia sofrer, era a ausência do Gabriel, o desordeiro da turma. Será que ele tinha desistido? Se mudado? Estava doente? Não tive tempo de me despedir, nem mesmo de fazer as pazes. Queria dizer a ele o quanto ele é importante e genial! E que seu comportamento “bagunceiro” ora “desrespeitoso” não influenciava no que ele já era. Um garoto esperto com um futuro pela frente. Então, com esse nó na garganta, fui atrás da Pedagoga Betinha, perguntei, ela não soube dizer. Pedi para que entrasse em contato com a família. Passou duas semanas e nada do Gabriel. Nem mesmo os alunos sabiam dele. Aquilo me incomodava. Em conversas com a pedagoga soube mais sobre ele. A Betinha é uma daquelas pessoas que se envolve e se emociona com os alunos. Sofre por eles e luta por eles, a cada conversa com os responsáveis e as mediações com os professores.

E numa manhã, lá estava o Gabriel. Senti vontade de abraçá-lo, acho que ele percebeu isso. E no final da aula veio falar comigo e foi uma conversa boa.

Durante o curso, refletia bastante sobre cada coisa que as colegas diziam. Das leituras, as dinâmicas. Percebi que não seria uma falta de tempo perder uma aula com um piquenique com a turma na escola. A turma se animou. No dia, tinha até mãos deixando as guloseimas para o piquenique. Todos se envolveram. Estavam felizes. O Niccolas trouxe um bolo que ele mesmo fez, com calda de chocolate. Foi bonito de se ver. Alguns subiram na árvore, outros investigavam o limoeiro e traçavam planos ali. Outros faziam conta que se dispersavam, como era o caso do Gabriel, Leonardo e Luis Guilherme. Eles não imaginam quantos olhos temos! Percebi que nos observava em tudo.

Nesse dia, a turma acolheu um aluno que é rejeitado por seus colegas, pelos professores, e também era por eles. Continuei cortando o bolo enquanto ouvia uns dizer: *Vem Guilherme! Come um pedaço de bolo.* E ele dizia, *“Eu não posso, porque trouxe nada. Por isso também não posso comer com vocês.”* Até que a Fabyanne disse: *“Pode sim. Né Professora que o Guilherme pode comer com a gente?”* Eu disse: *Sim.* Corta um pedaço pra ele Professora! E assim, o fiz. Quando vi, o Guilherme estava enturmado. Foi uma ação generosa dos alunos e todos veem o Guilherme hoje com outros olhos. Ele estava sempre pedindo para participar das nossas aulas, e eu sempre deixava, a contragosto de alguns. E com o episódio do piquenique, tudo mudou. Aliás, mudaram-se muitas coisas, até mesmo o tema do Bimestre. Passamos a trabalhar mais sobre os solos e falar sobre a construção do laboratório de ciências. Os alunos conseguiram desde o material a mão de obra para reformar a casinha do antigo caseiro. Mas a direção escolar tem outros planos com a estrutura. Querem reformar para colocar um novo caseiro para vigiar a escola. Todos ficaram bastante tristes, mas não desanimaram. Temos outros planos para os nossos projetos e por aí seguiremos.

Outro dia estava assistindo com a minha filha o filme “Xuxa Gêmeas”, e numa cena a personagem Mel desce do carro indignada com a cena de uma mãe ameaçando a filha e a tendo com violência pelo braço. E a Mel no meio de seu discurso diz: *“Com criança se conversa! Se conversa! Sabia? Sabia que bater em crianças, eles crescem adultos violentos?”* Eu parei nesse discurso, e comecei a ver que meus aluninhos no início eram repressores também, entre eles. Aqui e acolá se escutava, *“Professora, olha Fulano fazendo isso! Professora, olha Sicrano fazendo aquilo!”* Não gostava desse comportamento. E retruquei todas as vezes com a mesma fala: *“Que coisa feia ficar enredando o coleguinha! Como se você não o fizesse também! Olha gente, vocês brigarem comigo e eu com vocês tudo bem, porque somos alunos e professores. Mas aluno brigar com aluno? Vocês acham certo isso? Por favor, vamos parar com isso. Quando era menina minha mãe dizia que era muito feio enredar, e que cada um precisava é cuidar de seu próprio comportamento. E o tempo para o colega seria para ajudar. Se não poderia ajudar, acusar que não seria a ação correta! Outra coisa que dizia era que, quem geralmente fica colocando no outro a culpa é que tem culpa também e não quer fazer nada. E usa disso para se esquivar e justificar suas más ações.”*

## Pois é!

Não está sendo nada fácil conviver com realidades tão diferentes. Ainda mais, quando se sonha com uma educação diferenciada, contrariando com a real situação dessas escolas. Os alunos chegam até as escolas estaduais com muito deficit de aprendizado. Alunos do sétimo ao nono ano com níveis baixos de leitura e escrita. É preocupante. E não somente isso. Estão cada vez mais agressivos entre si e com todos da escola. Desconhecem a palavra gentileza e infelizmente a grande parte dos educadores só conseguem a atenção deles aos berros.

Uma vez uma educadora, lá atrás nas minhas pesquisas de estágio, me disse o agora constatei. Dizia que os *berros* era o trato habitual deles e somente através deles, os berros, é que conseguia se fazer entender. Falava isso com muita lástima.

Em contraponto, temos o que os Nutricionistas dizem com relação a essa agitação desmedida e a irritabilidade *à mão* do alunado. Segundo Carreiro, parte disso é a má alimentação que nossos jovens vem tendo. Que os aditivos artificiais, os corantes são os causadores de irritabilidade, TDAH, Hiperatividade, Obesidade, Diabetes e outros. Como diz um *ente* querido, “*Pois é!*”.

Veja só você, é tão comum ver nas escolas as cantinas. E nas públicas, as que tem como suporte o *angariar um a mais* para os mantimentos escolares. Bem verdade, que trabalho em escolas onde a cantina só tem desses produtos (salgadinhos, doces e refrigerantes) enriquecidos por estes componentes. Os próprios que, segundo os pesquisadores, são os causadores dos distúrbios que atingem a saúde física e psíquica de nossos jovens.

Ouçõ quase que diariamente: *Você não vai desistir de ser Professora?* E respondo: *Pois é! A vida docente é tão desafiadora, né?* Dou uma paradinha como quem pensa muito sobre isso e continuo “*Ainda não sei! Vou assim, vivendo mais um pouquinho pra ver no que vai dar! E se desistir me despenco de mala e cuia lá numa das praias nordestinas, onde o veneno do progresso ainda não chegou – pra curtir minha nova longa vida que teria, ou não.*”

Claro que penso muito o que será de mim daqui há alguns anos. Se estarei doente devido o trabalho. Se tomarei antidepressivos, ou com algum distúrbio. Ou remanejada em alguma outra função – que tal a Biblioteca da escola? Lá parece ser o lugar dos remanejados. Pensando nisso, é que fico observando e aprendendo com os meus colegas na sala dos professores. Atenta aos conselhos que geralmente me vem sem pedir. Pelo simples fato de ser *iniciante*. Procuo resguardar minha saúde, por isso, procuro estar consciente do que ouço nesses momentos. Tirando isso, vou com as minhas inspirações, afinal, elas tem sido minhas grandes motivações.

Não me vejo ainda em outro lugar que não seja na escola. Penso em fazer Mestrado, mas vejo o tempo (que a gente nunca recupera), intensificado a cada movimento. Uma pena não termos licença para fazer essa formação. Uma pena a *burrocracia* mesquinha com olhos de vigilância ditatorial, nos roubar o tempo e os sonhos. Já cheguei a pensar que a nossa experiência dentro da escola já daria um bom mestrado, não acha? Esse título poderia ser acrescido com os anos de carreira no Estado. O fato é, a escola já nos consome muito tempo e isso nos pressiona a opinar e é claro que ficamos com a escola, com os alunos e todo o resto que sobra da vida real.

## Á gume de conclusão

Quando se muda um *ponto*, se muda um *parágrafo*. Se muda o *título* que se muda o *tema* e por si, muda todo o *texto*. Se reescreve. Essas são as facetas da escrita. E nossas experiências de vida também! Seja ela a *vida profissional* ou a *vida real*. É a vida! Algo que também se renova, por isso, não tenho o sentimento de pecar nas impressões que registro aqui.

Começo este **gume** a pensar nas didáticas, e dizer que mais vale a postura do professor do que elas. Os alunos parecem ter a necessidade de se enxergarem em nós. E fazer com que eles nos enxerguem e se identifiquem, é o grande desafio. Como já dizia Paiva, nossos alunos das “escolas de pobres”, precisam antes de tudo trabalhar sua autoestima. Antes disso, parece um mistere impossível alcançá-los com a importância dos conteúdos, mesmo os relacionando com o dia a dia que suponhamos ter. Isso se dá até mesmo naquelas que já introduziram a “cultura da rua”. É estreita a abertura que as famílias dão para o que a escola quer ensinar de conhecimentos próprios para se viver na ampla sociedade. Digo famílias, porque é claro a importância que a família dá aos estudos. Grande parte vem a nós sem educação social alguma. Do jeito que é o trato em casa, reproduz na escola. E quando repreendidos, a família reprime a escola por repreendê-los. Raros são os pais que estão na escola e se preocupam com os filhos.

Já algum tempo venho aceitado cada vez mais a hipótese de que o maior patrimônio da humanidade continua sendo nós mesmos. Faça um teste. Questione-se: *Que sentido há, quando se retorna a um lugar e não encontrar ali nenhum remanescente? E deparar apenas com ruínas? Que sentindo você ver e, que sentimento te dá? Por este viés, ousa dizer que estamos muito além de que nossas obras e de nossas descobertas. Estamos muito além de tudo. Mesmo que ainda o tempo corra com nossas memórias, com nossas vidas, ainda assim, somos o maior patrimônio. Somos os que portam a vida, que damos e recebemos o sentido das coisas, que despertamos para o que não faz sentido. Somos os humanos. Os que lutam, brigam e amam uma consciência, mesmo que criada por um só de nós, ou com aquelas que todos a faz. Que essência tem os livros se os olhos não pesarem sobre eles com sentimento? Que sentindo tem a espera do vazio por ser preenchido, se não for nós a cultivá-lo para o momento oportuno? E colocar ali, o que é relevante para nós, nossas emoções. A nossa mente pede para viver, as nossas lembranças “forçam a barra”. Por mais que estejam esclarecidas, não se importam se são presentes ou passado. O futuro é o que menos importa. O futuro serve apenas como espelho a dizer: *Olhe, venha. É possível sim!* Como a quem te dá estímulos.*

Estas crianças, assim como nós, precisam se conhecer. Se conhecer é importante para reconhecer o que se estuda. Precisamos ter a experiência particular de sermos os primeiros a nos ver, perceber. Acho que é por isso que Morin menciona tantas vezes na leitura dos romances. Porque neles reconhecemos o que sentimos, e o pouco que somos nas histórias escritas de outrem. Também acho que é por isso que eles sobrevivem até hoje. Os romances e a educação, são do humano; assim, inquietantes, desafiadores e ricos em experiências de vida.

Tenho para essas minhas reflexões um parador, que foi o curso de especialização na formação continuada de Professores. Ali, pude me encontrar nas falas e discuti-las, era o “aprender vivências”. Os conteúdos trabalhados eram mastigados no sentindo de serem ponderados. A pergunta que me acompanhou durante todo esse período foi, *O que uma ingressa precisa para se situar no turbilhão que é a escola?* - ela me permitiu aliviar do medo de não conseguir. Alguém me disse que as perguntas muitas vezes são mais importantes que as respostas. E muitas delas te acompanharão por toda a vida. O importante é que elas estejam contigo. Veja a relevância que é dar significado a tudo que fazemos. Com essa pergunta mais os desafios do dia a dia, senti-me motivada as questões que eram apresentadas no curso. No que mais me apropriei foi o Módulo de



Diversidade e Inclusão. As mediadoras tornaram obra simples a motivação, inspirando superações as batalhas que me seguiam nas escolas.

Neste mestiere, considero que um docente pode ser comparado as geleiras da Antártida. Este extremo do planeta é considerado como um termômetro e é capaz de medir o grau de poluição do mundo. No caso da Educação, é na sala de aula onde o professor consegue medir alguns fenômenos sociais que estão sendo vivenciados no cotidiano das famílias. É daí que vem à importância de preocupar-se com esses jovens a quem estamos formando. Atentar-se apenas para as pesquisas e remediar-se com ações individuais, é decidir dá continuidade aos caus. Trabalhar no coletivo pode ser difícil, mas quando se consegue, é forte o bastante para romper essas estruturas.

Vou além dos *três*, que sugere o educador José Pacheco. Sugiro todos os membros da escola a se envolverem no processo de nova emancipação da escola na sua comunidade. E se acaso não existir por parte dos discentes e seus representantes o interesse, que faça assim mesmo a Direção com o apoio dos professores. A escola precisa se levantar, ser o motivo pelo qual nasceu e não vítima de uma sociedade marginalizada.

## Referências

A COR do paraíso. BAC Films. Distribuições: Europa Filmes. Dublado, Port.

ALÉM da sala de aula. Direção: Jeff Bleckner. Produção: Lester Berman. Roteirista: Camille Thomasson. Música: Jeff Beal. Livro de Stacey Bess. Título Original: Beyond the Blackboard. Vinny Filmes - Estados Unidos c2011. (95 min.) Link: <<https://www.youtube.com/watch?v=4BUOV6-L8Mo>> Acesso em: 23 set 2014. dublado, Port.

CARREIRO, D. *Nutrição e qualidade de vida*. <<https://www.youtube.com/watch?v=gFFh98Otdqk>> Acesso em: 30 nov 2014.

COMER, rezar e amar. Direção: Ryan Murphy. Produção: Lester Berman. Roteiro: Dede Gardner. Roteiro: Jennifer Salt. Columbia Pictures Industries, Inc. All Rights Reserved – Estados Unidos c2010. 1 DVD (140 min.), windescreen, color., legendado, dublado, Port.

MATURANA, H. *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. Tradução: José Fernando Campos Fortes. 3ª reimpr. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MUITO além do peso. Direção: Estela Renner. Produção: Marcos Nisti. Maria Farinha Filmes – Brasil c2012. (84 min.), color. dublado, legendado, Port. Link: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ko-hmTp594Y>>

PAIVA, V. *A instabilidade da instituição escolar*. *Revista Educativa*, v. 14, n.1, p.39-57, jan./jun. 2011. Goiânia. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/educativa/article/view/1615/1017>> Acesso em 29 jun. 2015.

PINTO, A. V. *Sete lições sobre educação de adultos*. Coleção Educação Contemporânea. Editora Autores Associados.

UMA PROFESSORA muito maluquinha. Direção: César Rodrigues e André Alves Pinto. Produção: Diler Trindade. Roteiro: Ziraldo Alves Pinto. Mundial – Brasil c2011. 1 DVD (120), color., Port.

XUXA gêmeas. Direção: Jorge Fernando. Produção: Diler Trindade. Roteiro: Patricya Travassos e Flávio de Souza. Música: Cláudio Valdetaro. Fox Filmes do Brasil – Brasil c2006. 1 DVD (81 min.), color.,Port.

YABU, F. *Apolinário, O Homem-Dicionário*. Ministério da Educação, PNBE, CIP – Brasil, RJ: 2014.